

Fiesp quer manter atividades

SÃO PAULO — O apelo feito pelo ministro Marcílio Marques Moreira, semana passada, no sentido de que a crise política gerada pelas denúncias contra o empresário Paulo Cesar Farias não tenha reflexos sobre a economia parece ter encontrado respaldo na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. A tônica das declarações de empresários que estiveram, ontem, na sede da entidade para a reunião semanal foi única: cabe à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) apurar os fatos, mas, enquanto isso, a economia não pode parar.

Até mesmo o presidente da Fiesp, Mário Amato, tentou falar, ontem, por telefone com o presidente Fernando Collor com esse objetivo, mas não conseguiu. "É preciso dizer-lhe: avante, presidente. Pra frente Brasil." Apesar do otimismo, Amato reconheceu que, na semana passada, muitos empresários, desanimados com a situação política resolveram aplicar em ouro e dólar. Mas esse movimento, segundo disse, já foi revertido.

Emerson Kapaz, candidato à sucessão de Amato na Fiesp, afirma que só as investigações da CPI trarão de volta a tranquilidade à economia, mas, como todos, destacou a necessidade de a economia continuar funcionando. Por isso, em audiência com o ministro Marcílio Marques Moreira, semana passada, Kapaz sugeriu uma reunião entre lideranças empresariais e representantes do Ministério. O encontro, segundo disse, teria por objetivo substituir a super-reunião anunciada para o final deste mês

e que acabou cancelada depois de remarcações preventivas de preços e retomar a iniciativa oficial na área econômica. De acordo com o empresário, o ministro acolheu a idéia e o encontro poderá acontecer entre os dias 1º e 3 de julho.

Nessa reunião, segundo a idéia de Kapaz, poderá ser organizada uma agenda nacional, com o objetivo de pressionar o Congresso a votar projetos prioritários, como as reformas fiscal e tributária. A proposta de Kapaz parece até modesta diante do ímpeto do presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Plástico, Celso Hahne. "É necessária uma marcha de empresários a Brasília para pressionar o Congresso e o Executivo a se movimentarem", afirmou Hahne. "A crise política paralisou o país e só será possível romper esse imobilismo com pressão." Menos radical, o ex-presidente do Sindipeças, Pedro Eberhardt, defende a tese de que os empresários devem ficar alheios aos desdobramentos das denúncias que estão sendo apuradas pela CPI. "O problema é que essas discussões prejudicam a imagem do país no exterior", disse Eberhardt.

O vice-presidente da Sadia, Luiz Fernando Furlan, apontou nas oscilações do dólar e das cotações nas bolsas de valores os reflexos da insegurança que esses episódios estão trazendo à economia. Como os demais, Furlan disse que o importante é o Congresso dar sustentação política ao ministro da Economia.



Amato a Collor: "Avante, presidente. Pra frente Brasil"